

Réquiem por um aniversário

Ruy Guerra

Para quem lê é dia 27, para mim que escrevo é dia 23 e o tema é o próximo dia 31 de março.

Nunca fui muito ligado a aniversários, fossem lá de quem ou de quê. Como qualquer um, guardo algumas datas, mas outra coisa é lembrá-las a tempo de comemorar. Sei que para muitos pode parecer uma atitude, mas até já passei o meu próprio aniversário em branco.

Sou de vésperas e manhãs, recordo antes e depois, o antes e o depois.

Talvez seja por isso que ao me sentar para escrever, me ocorreu subitamente que no próximo dia 31, a chamada *Revolução de Março* faz 30 anos.

Não quero nem vou tecer considerações políticas agudas sobre o seu significado.

Curto e grosso, a revolução se enalteceu a si mesma, como todas as Revoluções, a bem da verdade, mas esta crismou-se, porque inventou uma identidade que não lhe pertencia. Uma revolução não é só pôr tanques e tropas na rua, desembainhar baionetas: uma revolução, para o ser, além de tomar o poder, muda as estruturas desse poder. O que não aconteceu com a chamada Revolução de Março, na realidade uma quartelada, um prosaico golpe de Estado, irónica e acertadamente apelidada por Sérgio Porto de Redentora.

Foi um dia sombrio na história do país.

Fazia apenas 6 anos que eu estava no Brasil e vi o país virar de pernas para

o ar. Não é que ele estivesse erecto, mas mantinha no andar trôpego, uma ziguezagueante passada democrática.

Talvez fosse bom lembrar que é possível que Jango Goulart fosse um ingénuo, certamente um fraco, que as reformas sociais que inopinadamente pretendia impor não tinham viabilidade; talvez fosse bom lembrar, que para além de qualquer dúvida razoável, o Cabo Anselmo, que serviu de estopim para o golpe, já então pertencia à CIA; talvez fôsse bom lembrar, que é discutível que Carlos Lacerda e Magalhães Pinto, entre outros civis que foram alijados no processo político pós-golpe, tenham sido heróis civis iludidos pela tradição legalista das Forças Armadas; talvez fosse útil ir por aí apontando nomes, incidentes, fatos, questões...

Mas me dá uma imensa lassidão repassar esses tempos, com os seus Atos Institucionais violentando a Constituição, com os seus decretos de exceção, as suas prisões, as suas paradas, as suas arbitrariedades, a sua Lei de Segurança, as suas torturas, os seus falsos milagres económicos, as suas mordças. Me dá uma imensa lassidão recordar o despertar dessa época, marcada pela puritana figura sem pescoço do General Castelo Branco, seguida pela truculência boçal das dragonas de Costa e Silva, pelos devastadores olhos gelados de Médici, pela esfíngica autoridade de Geisel, sem falar dos outros generais que se foram disciplinadamente enfileirando nas sucessivas presidências cinco estrelas, cada um deixando uma impressão de saudade do precedente, não pela magnanimidade do que se ia, mas pela incógnita ameaça da nova farda que assumia o poder.

Entre parêntesis: eu sou dos que se recusam a acreditar que a abertura política do poderoso General Geisel é a manifestação inequívoca de uma vocação democrática, mas a inteligente constatação do irreversível

fracasso do processo ditatorial militar, face à degradação social e à pressão da sociedade civil.

O início dos anos sessenta foram anos tumultuados, é verdade. Havia desmandos, crise econômica, corrupção, e vários eteceteras.

Mas havia também um tumulto criador, movimentos de conquista da identidade nacional, e uma euforia de viver fundada na esperança do futuro. Havia um sentimento - que pode parecer bobo - mas que traduzia algo de profundo: o orgulho de ser brasileiro. E não vai nesta afirmação nenhuma patriotada.

Havia espaço político para uma transformação no sentido de uma democracia real. Um espaço tomado de assalto pela ditadura.

Parece insofismável que o futuro que hoje vivemos me dá razão, e a dura análise agora pode parecer cômoda. Mas ainda há quem defenda que a quartelada fez bem ao Brasil, e vá festejar nostalgicamente esse 31.

Defensores ferrenhos do golpe podem alinhar argumentos, manipular estatísticas, evocar grandes desenvolvimentos na área industrial, na tecnologia, que sei eu, que não mudam o sentimento que trago da vivência daqueles tempos. A resposta política que o país exigia não era aquele movimento de caserna, ao som autoritário de espadas, medalhas e vozes de comando, apoiado pelos conchavos das sôfregas oligarquias nacionais ligadas aos interesses estrangeiros.

Mais que os avanços reais em áreas específicas, a chamada revolução de Março instalou um falso moralismo, reforçou uma mentalidade de corrupção nas classes dirigentes e nas classes empresariais, acentuou pela concentração da riqueza o caos social, escancarando as portas da violência.

Uma herança demasiado pesada, um atraso histórico sem preço.

Não vou me esparramar nos fatos presentes, vinculados diretamente ao golpe: estão aí, no noticiário-de-cada-dia-nos-dai-hoje, no amargo quinhão de cada um, no pão nosso-de-não-todos-os-dias.

E mais, esmagou (e até quando?), nessa coisa difícil de definir que é a alma de um povo, muito do seu ímpeto, da sua alegria.

No Rio de Janeiro, nesse dia fatídico de 31 de março de 1964, eu era jovem. Qualquer pessoa é jovem com trinta anos menos.

Os boatos espocavam de todos os lados, ninguém sabia quem era quem, quem vencia, quem estava derrotado.

Passei pela Cinelândia infestada de tanques. Poucos metros mais além, tropas foram saudadas com gritos de alegria por gente que pensava que eram as forças da legalidade. Muitos dos soldados também pensavam que o eram, mas já estavam do outro lado da barricada. Viemos saber isso uns metros mais além, antes mesmo deles o saberem.

Passei diante da UNE em chamas.

Estavam queimando os sonhos de toda uma geração, e não só.

O meu coração bateu desabaladamente. As lágrimas correram-me pelo rosto. Não fui o único a chorar, ao som dos vivas histéricos da TFP.

Era de noite.

Não imaginávamos quão noite era: vivíamos os primeiros momentos de muitas décadas cruéis.

Vou parar.

Maldita a hora em que me lembrei desta data.

O Estado de S. Paulo, 27/3/1984